Posfácio: Potência e generosidade da arte de “prestar atenção”!

La Sorcellerie Capitaliste: pratiques de désenvoûtement de Philippe Pignarre e Isabelle Stengers, de 2005

Por Anne Vièle

Tradutor: Paula Siqueira

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1667>

DOI: 10.4000/pontourbe.1667

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Por Anne Vièle, « Posfácio: Potência e generosidade da arte de “prestar atenção”! », *Ponto Urbe* [Online], 7 | 2010, posto online no dia 31 dezembro 2010, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1667> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1667

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Posfácio: Potência e generosidade da arte de “prestar atenção”!

La Sorcellerie Capitaliste: pratiques de désenvoûtement de Philippe Pignarre e Isabelle Stengers, de 2005

Por Anne Vièle

Translation : Paula Siqueira

EDITOR'S NOTE

Nota da tradutora. Em seu livro, Isabelle Stengers e Philippe Pignarre (2005: 6) agradecem à Anne Vièle, contando a história de seu posfácio: “Uma consequência feliz e inesperada da 'pré-difusão' [do livro na internet] foi um verdadeiro presente que aparece aqui no posfácio. Anne Vièle – um pseudônimo, pois em certos meios a sacro-santa liberdade de pensamento é respeitada, mas a um custo muito caro – colocou-se como intermediária do nosso texto, abrindo, ao misturar suas palavras às nossas, o caminho para a leitura daqueles e daquelas que, como ela, estão 'no sistema' e por isso são ameaçados de suspirar ('é melhor se conformar!').”

Posfácio: Potência e generosidade da arte de “prestar atenção”!¹

- ¹ Em 1999, vocês se lembram?, de Seattle chegavam notícias diferentes, milhares de pessoas gritavam juntas: “um outro mundo é possível!” Em vez de “crescimento econômico”, “desenvolvimento”, “revolução tecnológica”, “racionalização”, a mídia ecoava, é claro, palavras já conhecidas – solidariedade, paz, não-violência, ecologia etc. –, mas também a possibilidade de um outro mundo, através do qual foram introduzidos novos termos com os quais aprenderíamos a conviver: “antiglobalização” e, mais recentemente, “alterglobalização”.

- 2 Esse livro que acabo de ler e do qual adoraria falar com vocês ainda não é um dos livros sobre o movimento alterglobalização – os autores não são parte dele, assim como muitos de nós também não o somos. Esse livro é daquelas pessoas que, como eu, nós talvez, ficamos agradavelmente surpresas ao ouvir de novo a frase: “Um outro mundo é possível!”. Bem diferente de “Você quer o quê?, o sistema é assim, é melhor se conformar.”
- 3 Mas não é só isso: no livro, não há solução ou proposta de um outro mundo pelo qual se trataria agora de lutar. Pois os autores, uma filósofa e um editor, são como nós: eles não sabem o que fazer com esse famoso “sistema”! Mas eles são justamente uma filósofa e um editor, as palavras são sua especialidade, suas ferramentas e eles nos propõem experimentar: já que se trata de refletir sobre a possibilidade de um outro mundo, por que não tentar outras palavras, outros saberes, outras maneiras de proceder?
- 4 Quatro partes das quais os títulos já dizem muito: “O que se passou (em Seattle)?”, “Aprender a se proteger”, “Como criar preensão?”, “É preciso que as pessoas pensem”. Ao longo das páginas, palavras bem bizarras (fluxo reorganizador movediço, alternativas infernais, mãozinhas, feitiçaria, pensamento capturado, terror, preensão, interstício, ecosofia, *reclaim*) e também palavras mais conhecidas (capitalismo, progresso, proteção, alienação, aprendizado, conexão, política, *empowerment*) para nos acompanhar durante a reflexão sobre a seguinte questão: “Como fazer?” (se de fato estivermos de acordo com a ideia de que o mundo onde vivemos está de cabeça pra baixo). E uma conclusão com um título dos mais estranhos – “Sobretudo não concluir” –, mas no fundo bastante pragmático. Ele nos lembra daquilo que já sabíamos, a conclusão de todo livro pertence a cada leitor: “Eu li esse livro e foi isso que ele me fez, foi isso que eu retive de interessante etc.”
- 5 No que me diz respeito, esta é minha conclusão. Os autores disseram: “Nosso texto é difícil porque...” E minha vontade foi tentar escrever sobre minha relação com o que foi dito nesse livro, utilizando nossas palavras, aquelas que empregamos nos jantares, bares, festas, e-mails...
- 6 Antes de mais nada, o livro é endereçado àqueles que ouviram alguma coisa durante os eventos de Seattle. Essa “alguma coisa”, os autores nos propõem chamar de “grito”. Ora, um grito tem a particularidade de vir da barriga... Contração abdominal, estamos no domínio da sensibilidade. Insisto sobre esse ponto, pois essa foi minha experiência com ele. Diferentemente de outros textos que, com a ajuda de teorias, dispositivos e planos efetivamente denunciaram o sistema, porém de maneira tal que me dava vontade de dormir, esse livro me manteve desperta durante várias semanas. E não se trata de venerar os autores, eles são apenas deuses e deusas como nós, nada mais. Resumindo, o mundo talvez não esteja nada bem, mas a história não terminou. E isso já não é tão ruim.

O que se passou (em Seattle)?

- 7 Milhares de pessoas gritaram “Um outro mundo é possível” e os autores respiraram um pouco melhor: enfim! E eu com eles, nós, talvez... Mas obviamente, logo em seguida, colocou-se a questão: sim, eu também ouvi, mas e agora? De fato, não é tão simples. E apesar da dificuldade, trata-se nesse livro de herdar esse grito. Por herdar, leia-se: prolongá-lo, fazer qualquer coisa. Mas, dessa vez, “fazer qualquer coisa” não consiste em fazer imediatamente um plano gigantesco (incompreensível e cansativo), uma proposta

bem pensada de organização política global, um belo modelo teórico de sociedade bem estruturada, um novo partido, a definição de uma Causa a defender etc. No fundo, a ideia é, ao mesmo tempo, bastante simples e complicada.

- 8 O simples primeiro: o “sistema” com o qual lidamos (que pode ser chamado de sociedade ou capitalismo) se fortaleceu durante vários séculos de construção e por meio de diversas fabricações, experimentações, modificações. Ele muda o tempo todo e ao mesmo tempo dá a impressão de uma construção sólida, indismontável, incontornável, de tal forma que todos nós nos encontramos em seu interior: um sistema, uma sociedade, uma rocha. Constatado isso, por que a gente começa sistematicamente pelo fim? Por que nos impomos a necessidade (obrigação) de propor ou de lhe opor outra construção de conjunto em vez de começarmos localmente com pequenas propostas, experimentações, ações em menor escala? Esta não é uma ideia boba, não é mesmo?
- 9 O que é complicado, então, é inventar novas palavras e práticas políticas experimentais, locais e, mais importante, conectá-las entre si. Conectadas, pois é mais fácil fazer com os outros. É uma coisa 1.000 pessoas pensarem cada uma no seu canto “um outro mundo é possível”; e é uma outra coisa quando cada uma delas sabe que 999 outras pessoas partilham essa ideia. É assim que compreendo a importância da conexão. Concentrar-se na invenção de novas práticas, testá-las e prestar atenção às consequências querem dizer ousar ser pragmático. Cito aqui literalmente a mesma definição de pragmatismo que nos é proposta no texto, me parece que ela se basta: “O pragmatismo é uma arte das consequências, uma arte do “prestar atenção” que se opõe à filosofia da omelete que justifica os ovos quebrados.” Não é tudo difícil nesse livro...
- 10 Mas nós somos paralisados! “Vocês querem aumentar os salários? Vocês querem reforçar a legislação que protege os assalariados contra a demissão? Mas vocês vão provocar o fechamento das indústrias, impulsionar sua transferência e provocar desemprego”, “O sistema é assim, é melhor se conformar!”, “É triste, mas é assim!” Tenho quase certeza de que um monte de expressões como essas passam pela sua cabeça. São essas as expressões chamadas, nesse livro, de “alternativas infernais”. E esse famoso sistema ou capitalismo particularmente faz tudo para nos colocar nessas situações em que nos julgamos paralisados. No pior dos casos nos desesperamos (tudo isso é muito complicado), no melhor, temos como única solução a denúncia: “É culpa do capitalismo”, “O sistema está podre” ou, dedução terrível, “O sistema está podre, a única solução possível: tirar vantagem”. Formulando assim, a gente se torna impotente, fica a impressão de que não temos nenhum poder: para que serve tudo isso, afinal!
- 11 Retomemos então as coisas de outra forma, esse sistema claramente está ligado àquilo que envenena nossa vida, nos paralisando com suas alternativas infernais. Denunciar, a gente sabe fazer, resmungar também, mas a partir do momento em que se trata de agir, de transformar, nós nos paralisamos, não sabemos o que fazer, é muito complicado... Vale mais a pena farrear ou viajar de férias – bem, ao menos para aqueles que podem... Mas, olhando com mais atenção, o problema não estaria mal colocado? E como colocá-lo de outra forma?
- 12 Já de início, em vez de “sistema” ou “capitalismo”, os autores nos propõem nomear essa coisa que nos paralisa e envenena de “fluxo reorganizador movediço” e, ainda mais audacioso, “sistema feiticeiro”! Obviamente não é uma simplificação do problema, bem ao contrário, já que ele não se tornou simples. Vejamos então de mais perto.

- 13 A primeira proposição (fluxo reorganizador movediço) apresenta a vantagem de ter três termos em vez de um: “fluxo”, “reorganizador” e “movediço” em vez de “sistema” ou “capitalismo”. Penso que “fluxo” nos dá a impressão de conjunto, aquele que circula por todos os lugares de forma parecida, o mesmo sistema em qualquer lugar do mundo para todos, os mesmos produtos de consumo, o mesmo sistema de gestão, os mesmos cargos e um dia talvez a mesma língua; “reorganizador” nos faz sentir a mudança, ele se renova, o vocabulário muda, os papéis e as funções também, o termo nos deixa sentir a força dessa coisa; por fim, “movediço” nos dá a impressão de impotência, de que estamos afogados no sistema, presos na armadilha, atolados na areia. Voltamos sempre ao mesmo lugar! “Sistema feiticeiro”, por sua vez, reforça a ideia de impotência, de enfeitiçamento, mas de imediato esse termo também suscitou em mim um eco: e se tudo isso não fosse tão feiticeiro?
- 14 Ora, nos dizem os autores, esse fluxo não se sustenta por si só! Essa grande onda irresistível, ela é ativa e laboriosamente fabricada por uma multidão de “mãozinhas” que, juntas, sustentam, mantêm, entretêm as conexões, aparelhagens, leis, regulamentos, definições dos cargos, funções, normas, os modos de pensar etc. A impressão de conjunto não se faz sozinha!
- 15 Esse momento do livro é muito importante. Chamar de “mãozinha” aqueles que colocam o problema e ao mesmo tempo aqueles em quem é preciso prestar atenção não foi algo irrelevante. Pelo menos para mim não foi. Quando fui contra a presença do termo no livro, uma pessoa me disse: “Mas o que a incomoda na expressão “mãozinha”? Para mim, ela evoca o trabalho paciente, extremamente técnico, um trabalho indispensável – mesmo que invisível – das costureiras auxiliares das “casas de alta costura”, que produzem espécies de obras de arte, inexistentes se não fossem suas “mãozinhas”.
- 16 E apesar disso, olhando mais de perto, tenho a impressão de que essa definição quase compassiva, extraída de sua definição francesa do dicionário, nos leva a aceitar (um pouco rápido demais, temo eu) como sendo normal que essas costureirinhas sejam invisíveis, que não tenham nenhuma palavra a dizer, que estejam somente a serviço da obra de arte; obra, esta, produzida pelas casas de alta costura. “Não pensar” nos diz essa definição, agir com coerência, mesmo se o preço a pagar seja se tornar invisível! Pois o sistema, que bem poderia ter inventado essa definição, tem a necessidade das “mãozinhas” no sentido de “quem não pensa”, de “quem não fala” (e não somente nas casas de costura) para que o fluxo reorganizador movediço continue a circular.
- 17 Ora, pensando bem, existem múltiplos caminhos que levam à situação de “não pensar”. Vejo ao menos quatro (mas existem certamente outros): ter perdido o hábito, não se sentir capaz, ter medo (das consequências de suas ideias) e, por fim, recusar-se a pensar. Nesse livro, “mãozinhas” = “recusa de pensar”. Levei algum tempo para entender o quanto o senso comum de “mãozinha” era enganoso, pois, como muitos dentre nós que confiamos no senso comum, eu deixei de lado o último significado: “recusar-se a pensar”! Ora, isso muda tudo, pois as mãozinhas são precisamente aqueles e aquelas que, em uma dada situação, “entretêm o sistema”, que recusam qualquer complicação, quaisquer novas propostas, recusam tudo aquilo que poderia fazer um outro mundo possível. São todos aqueles que, quando escutam esta frase, dizem em tom de deboche: “Nossa, eles ainda acreditam... Quanta ingenuidade!” São, por exemplo, os diretores de recursos humanos que, paralisados também, põem em marcha planos de demissão sem ao menos ter resistido, sem ter perdido tempo de se dizer que um dia poderiam estar no lugar daqueles que hoje eles agradecem.

- 18 Queria insistir em um ponto difícil, enfim, acho eu. Há o perigo aqui, um perigo enorme e fácil, de acusar milhões de pessoas de serem mãozinhas. Contudo, ninguém está livre. Dessa vez não há aqueles que são mãozinhas, de um lado, e aqueles que não o são, de outro (mesmo que alguns sejam de fato casos “limites”, eu admito). Isso depende também de situações particulares e é por isso que o sistema parece feiticeiro. É preciso tentar sentir que a cada instante todos nós corremos perigo de nos tornarmos uma mãozinha, o perigo de nos recusarmos a pensar. Como se, de um lado, tivéssemos medo de dar nossa opinião, medo de que o que pensamos seja mal acolhido (ridicularizado, desprezado, considerado inútil) e, de outro lado, medo de acolher as propostas que nos são feitas, qualificando-as por exemplo de ingênuas, irrealistas, bizarras, dizendo que elas não têm nada a ver com o problema.
- 19 Obviamente, como eu, você vai pensar: “Sim, mas não é tão fácil, essa Anne tem boa vontade, mas é preciso trabalhar para viver e a gente não pode sempre...” Ser necessário trabalhar para viver não é sinônimo de ser contra pensar, propor, alterar, insistir, nuançar, complicar, resistir. E ainda mais para aqueles dentre nós que ocupamos ou já ocupamos cargos ditos “de responsabilidade”, cargos ditos importantes, ditos “valorizadores” (valorizadores do quê ou de quem, eu ainda me pergunto). No fim das contas, trata-se dessa vez de uma proposta bastante pragmática, bastante localizada, válida para cada instante. Trata-se de descobrir no interior do fluxo reorganizador movediço os momentos, os lugares, as situações que nos dão a oportunidade de pensar, complicar, de dar nosso ponto de vista, de tomar a palavra.
- 20 Pode-se pensar que é impossível e mesmo utópico. Mas se muito simplesmente a gente se interessasse um pouco mais naqueles que tentam fazer existir o que parece impossível, naqueles que tentam, por exemplo, colocar em funcionamento uma empresa que responde ao desafio “nem exploradores nem explorados”. E se a gente se interessasse em outra coisa que não nos grandes grupos empresariais? Como, por exemplo, nessa Triselec Lille (empresa de valorização do lixo doméstico), cujo diretor de recursos humanos e de produção não para de repetir: “Pensar é perder tempo para ganhar dinheiro!”.
- 21 Sejamos pragmáticos, é muito difícil botar isso em prática, é difícil manter o desejo de refletir, o desejo ávido de colocar questões, complicar a situação, resistir, resmungar simplesmente, o desejo de se pensar capaz de transformar, de ousar. “Mas nós poderíamos fazer de outro jeito? O que vocês pensam de? E se?” Mas por fim a gente acaba dizendo: “É, tudo bem, desisto.” Dessa maneira fomos paralisados, cruzamos os braços, uma pena! Os autores propõem chamar essa situação de “operação de captura”, uma captura do pensamento (inspirados na expressão feiticeira “alma devorada”). De fato, a situação, as alternativas infernais capturam nossa vontade de pensar, colocar questões, complicar, elas nos embruxam. As “mãozinhas”, dentre as quais diretores de recursos humanos, executivos-chefes, consultores do século XXI etc., imobilizadas por sua vez, se recusam sistematicamente a pensar, complexificar a distribuição dos recursos, utilizando sempre os mesmos ou quase os mesmos modelos de organização, gerenciamento, entre outros: eles ou elas foram capturados.
- 22 E chegamos então à segunda parte: como aprender a se proteger (dessa operação de captura).

Aprender a se proteger

- 23 Era preciso ousar um desvio para colocar o problema dessa forma, pois a proteção coletiva realmente não é nossa filosofia de vida (salvo talvez para alguns, mas bem...). No melhor dos casos, nos protegemos tanto que nos ensimesmamos, nos isolamos, procuramos em nós mesmos as soluções.
- 24 Mas como se proteger coletivamente? No livro, um desvio é feito ao mobilizar outros saberes que não os nossos, os saberes dos feiticeiros. Sei que vocês vão pensar: que história é essa? É misticismo, uma seita agora? Parabéns, resistir é uma boa ideia, mas me dê ao menos uma chance para apresentar meus argumentos.
- 25 Se ao ouvir a palavra “feiticeira” imediatamente pensarmos em “seita”, estaremos justamente nos recusando a elaborar as coisas de outra maneira; nem ao menos nos daremos a oportunidade de tentar. Ora, vale a pena tentar, é o que o livro nos faz sentir. Como a gente tem que lidar com um tal fluxo reorganizador movediço, realmente pode ser uma boa ideia sentir que a gente precisa dos outros, que a gente precisa mobilizar outras coisas. Felizmente não estamos sozinhos no mundo. Resta-nos aceitar correr o risco de mobilizar outros saberes, outras práticas, que, além de tudo, um dia menosprezamos. É uma aventura: nesse caso, a gente podia ousar misturar nossa pretensa “racionalidade” à pretensa “irracionalidade” dos outros para fabricar um mundo nem racional nem irracional?² Um outro mundo... construir um mundo comum.
- 26 Se não pudermos... Então a leitura para aqui, pois essa segunda parte começa com: “Você acredita em feiticeira?” Quanto a mim, adoro me aventurar, então continuei me deliciando... Já ouço alguns dizerem: sim, mas seria preciso que a gente chegasse a um acordo sobre as definições antes de continuar, “racionalidade” é complicado, “irracionalidade” é complicado... É verdade, e eu iria além. É tão complicado que se torna íntimo e singular. A cada um sua relação com a racionalidade e irracionalidade... Inútil discutir, a gente nunca chegará a um acordo.
- 27 E, no fundo, não é importante. O cozinheiro que se depara com um gosto novo não sabe tudo dos ingredientes que ele acaba de misturar. Se ele precisasse esperar que fossem definidos todos os ingredientes antes de preparar suas receitas, estaríamos mortos de fome há muito tempo! Sua única preocupação é degustar, prestar atenção se aquilo que ele mistura parece bom para ele, e em seguida se arriscar oferecendo para que outros experimentem (ou partilhem), ele está mesmo disposto a adicionar sal, a rever sua nova receita se for preciso. E, isso é muito provavelmente o mais legal da história, ele se alegra quando a mistura que era boa para ele, associada aos palpites colhidos aqui e acolá, se torna boa também para outras pessoas. Evidentemente também existem mãozinhas gastronômicas, ou melhor, antigastronômicas, mas é inútil citá-las...
- 28 Retomemos o fio. Como então nos proteger dessa operação de captura? Aprender a se proteger... Começar por “nós somos vulneráveis”. Pensar que a gente é vulnerável não tem nada de deprimente, ao contrário, deprimente seria afirmar nossa invulnerabilidade, não? As pessoas super seguras de si não são irritantes e mesmo desagradáveis? Seríamos tentados a dizer que é constrangedor, mas não, estamos orgulhosos de nos sentir vulneráveis (*homo vulnerabilis*³, enfim você!). E, conseqüentemente, trata-se de pensar sobre a maneira de se proteger, mas o *homo vulnerabilis* implica, me parece, pensar sobre a maneira de se proteger “coletivamente”.

- 29 Primeira etapa, ir devagar, colocar em suspenso nossas certezas, desconfiar delas. Tenho impressão que todo mundo sabe disso, mas então porque passamos nosso tempo fabricando certezas? Fabricando coisas que se voltarão um dia contra nós (bizarro)? E, ainda por cima, tentando convencer os outros (armas em riste, que pena!) que nossas certezas são as melhores? Elas não seriam justamente aquelas das quais, acima de tudo, seria preciso desconfiar? Perguntar aos outros o que eles pensam, submeter nossas certezas à verificação. Ir devagar, dar tempo para que experimentem: deixar em suspenso.
- 30 Segunda etapa, correr risco. Essa passagem é bastante complicada (enfim, eu acho). Retomo. Nós somos vulneráveis, submetemos nossas certezas à prova. Ai, ai, ai, esse negócio dá medo. Sim, claro!, nos expomos e existe um perigo: o de deixar capturar seu pensamento, o perigo de se tornar uma mãozinha. E se nosso interlocutor for, nesse momento preciso, uma “mãozinha” – que pena!, isso acontece freqüentemente (comigo, com vocês talvez) –, podemos supor sua resposta: “Por que você duvida tanto? Seria melhor que você fosse mais seguro, você está perdendo confiança em si mesmo, você nunca escuta o que eu lhe digo” (uma operação de captura começou). O que os autores gostariam que a gente ouvisse seria antes: “Opa!, como você elaborou essa questão? É interessante, nunca pensei nisso antes!” Dito de outra forma, o questionamento coletivo se inicia (duas pessoas já são um coletivo), a recusa em pensar de outra forma desaparece, a gente começa a aprender com (o outro), a criar com o outro.
- 31 Voltemos agora ao capitalismo (sistema feiticeiro, fluxo reorganizador movediço, alternativas infernais, mãozinhas, captura do pensamento). Com o deixar em suspenso e o correr risco, a gente começar a se convencer, a sentir o fato de que nossas categorias (nossas certezas) são enganosas, longe de serem normais, são mais provavelmente perigosas. A ideia de um mundo racional, esclarecido, não é normal – ela é particular (ao mundo ocidental). E, conseqüentemente, a ideia de uma sociedade em que tudo se vende e se compra, em que seríamos *homo œcumenicus*, fundados sobre a racionalidade econômica, também não é normal – ela é singular. Essa ideia é apenas uma proposta que as mãozinhas econômicas nos fazem.
- 32 É totalmente possível constituir uma verificação consistente com deixar em suspenso essa ideia (desconfiar) e depois colocá-la em risco (opa!, uma sociedade econômica, que ideia maluca, você tem certeza?). Por que aceitaríamos pagar o preço de viver em uma sociedade econômica? Não somos mais *homo œcumenicus*, mas *homo vulnerabilis*! O mundo futuro é uma incógnita, somos terrivelmente vulneráveis e é perigoso simplificar a fabricação de soluções, como por exemplo dizer que é suficiente “progredir”. Progredir como, até onde? Não está tão claro que os progressos econômicos, aqueles do capitalismo, beneficiam a todos (basta reparar nos saques), e está fora de questão ser os ovos quebrados da omelete. O que acontece com os outros (estar fora do circuito ou ser um ovo quebrado) também pode acontecer com a gente se não nos protegemos. Ora, nos proteger, pensar, complicar, ousar, não se deixar capturar já é começar a transformação do circuito, em vez de fazer concessões para entrar finalmente nas cadeias do sistema ou capitalismo com o coração partido, o corpo abatido.
- 33 Vamos um pouco mais devagar... Os economistas não são os únicos em questão. Existem também as “mãozinhas” estatais que fabricam os regulamentos, as leis, as normas, a disciplina... São aquelas que permitem economizar o pensamento e, especialmente, pensar por equivalência. Pensar por equivalência significa: “É o mesmo caso de... então!” – isso implica em classificar as pessoas em casos: homem, mulher, desempregado,

beneficiário de auxílio desemprego, minoria étnica, burguês rico, pobre, parisiense, depressivo, deficiente, drogado, estagiário etc. Todos eles seriam categorias simples e normais com as quais seria possível nos definir, nos descrever.

- 34 E, apesar disso, basta ouvir as pessoas próximas, a sua experiência, para chegar à conclusão de que “é o mesmo caso que” acontece muito pouco freqüentemente. Dizemos sempre: “Eu faço sempre as mesmas besteiras.” Mas será que são realmente as mesmas? Hoje é parecido com ontem? Agora eu tenho ainda mais vontade do que antes de dizer “não”; felizmente, pois do contrário é depressão na certa!
- 35 Peraí!, um pouco mais devagar... Nós desenvolvemos o hábito de ocupar o espaço inteiro, todos os espaços, de tomar o poder sobre o outro, criando por isso a impossibilidade de aprender com ele, de fazer com o outro. Mas atenção (*homo vulnerabilis*), o que denunciemos tão espontaneamente nos economistas, nos políticos, sejam eles homens ou mulheres, nos psicólogos, psiquiatras, pedagogos pode também nos acometer. Prestar atenção, se proteger especialmente do “poder sobre” os outros. Como então dar lugar aos outros?
- 36 O problema é que na França, em especial, diferentemente de outros lugares, colocamos o que nos rege (os direitos do homem, por exemplo) no lugar de um universal válido para todos. Os direitos do homem são tão universais que eles nos definem; e nem pensamos mais em recolocá-los em questão, em negociá-los. Esse “universal” se tornou para nós tão fundamental que nos é impossível pensar que a ideia de “direitos do homem” pode ser totalmente irracional para alguns habitantes da Amazônia. Lembro, aqui, que os direitos do homem, a sua parte sobre os direitos civis e políticos data de 1789, sua parte econômica e social de 1924, e a Declaração universal de 1948. Em sua origem, dois países: França e Estados Unidos.
- 37 Vamos de novo um pouco mais devagar, pois sinto que essa passagem é delicada. É importante, me parece, lembrar o fato de que tal proposta universal vem de nossos avôs e de nossos pais, para aqueles originários da França e dos Estados Unidos. Entre nós e eles houve colonização, depois imigração e globalização. Isso nos deu – e nos dá ainda, aqui e agora – múltiplas oportunidades de encontrar todos esses outros povos e apesar disso não logramos – ainda não conseguimos – aproveitá-las para transformar o que é fundamental para “nós” no que poderia ser fundamental “para nós com eles”.
- 38 Isso me faz sonhar, não dá um pouco de medo? Não se trata, neste texto, de recolocar em questão os “direitos do homem”, pois é justamente aos outros povos que seria preciso perguntar a opinião ou ajuda. Gostaria tanto que eles dedicassem algum tempo para ler esse livro, espero que não seja muito tarde... O que os autores tentam deixar claro é o processo que nos conduz a tomar qualquer lugar sem aceitar nenhuma recolocação da questão, nenhuma negociação e, conseqüentemente, nenhuma criação. No melhor dos casos, se toleram as outras proposições, no pior, elas são impostas à força, mas raramente corre-se o risco de fabricar outra coisa com os outros.
- 39 Deixar a terra firme, aventurar-se, viajar... a gente gosta bastante, não? Pensar dessa forma não tem nada de liberal ou neoliberal, mas, para nos convencer, os autores nos propõem pensar sobre nossa relação com o Estado. Não há de um lado o capitalismo privado e de outro o Estado, mesmo que essa seja uma das alternativas infernais que circulam há muito tempo. Os dois estão ligados, articulados. O capitalismo precisa que os poderes estatais definam, regulem o mercado, os preços, a comercialização de medicamentos, o nível salarial, e também que disciplinem a população (isso é o trabalho

das mãozinhas psiquiatras, psicólogas, juristas, penalistas, pedagogas, formadoras, arquitetas etc.). Hoje nos é dito que é preciso aprender a aprender, chamar para si, ser responsável, formar-se ao longo de toda a vida, progredir para o interesse de todos. Mesmo que isso nos leve a ver os ovos quebrados (os homens e também as mulheres) com um olhar distanciado. O que podemos fazer? Fazer parte da sociedade, isso é para quem merece... Se há homens e mulheres perdidos, se eles acreditam que sua vida está destruída, a culpa é deles!

- 40 Ora, prestando mais atenção, nós temos o hábito de deplorar os maus feitos da colonização, do imperialismo também (sobretudo quando se trata dos Estados Unidos⁴), “mas nos falta o terror diante da ideia de que não somente nos tomamos como a cabeça pensante da humanidade, como também, com as melhores intenções do mundo, continuamos a fazê-lo”. E sobretudo quando, rápido demais, diferenciamos-nos dos outros dizendo: “Veja, eles não enxergam (a realidade), estão sob o domínio dos sonhos, da crença (e não necessariamente da religião), enquanto nós, nós sabemos bem.”
- 41 Como avançar? Não vamos colocar tudo em questão, é impossível, e ainda por cima os direitos do homem, ora bolas! Mas e se a gente começasse a colocar o problema localmente? “Fazer com os outros”, dizem-nos os autores, só se pode dizê-lo para cada lugar, para cada situação: “Em cada caso, trata-se de criar a capacidade de pensar na imanência, sem um critério que “escapula”, que autorize a segurança de um julgamento pendente.” Imanência, uma palavra bem complicada, mas também bastante simples. Ela combina muito bem com a ideia de “prestar atenção”, pois ela traduz o que a gente sente todos os dias: tudo, a cada instante, poderia ser importante, a menor proposta, comentário, sugestão, questão etc.
- 42 E os autores insistem sobre o aspecto local do problema, pois se trata de fabricar a “capacidade de seguir adiante e criar dimensões que necessitem de contextualizações para escapar da persuasão de uma alternativa infernal”. É exatamente o que fazemos com as pessoas à nossa volta, com nossos amigos, nas questões da vida para escapar da influência do “É triste, mas é assim!” Criar preensões à nossa volta (não grandes explicações) para avançar, não se afundar na depressão ou paranóia, pedir opinião ou ajuda, achar os recursos, receber e segurar, experimentar, misturar, aprender a se proteger com...

Como criar uma preensão (aqui e agora, precisamente)?

- 43 Retomemos, nós temos que lidar com um “fluxo reorganizador movediço” entretido por mãozinhas que se recusam a pensar, que criam permanentemente alternativas infernais para capturar nosso pensamento, tornando incontornáveis suas certezas: nenhuma possibilidade de deixar em suspenso ou se colocar em risco! Como criar preensão?
- 44 Há algumas páginas tornamo-nos tão orgulhosos em nos sabermos vulneráveis, sentimos que é importante nos proteger e que poderia ser uma boa ideia colocar o problema localmente. Tudo se passa aqui e agora. Inútil nos propormos grandes explicações (todos os problemas não precisam passar pelos níveis nacional ou internacional) – as grandes explicações que esquecem os mínimos detalhes e a gente com eles. A cada problema, sua dimensão: seu coletivo, seu espaço, suas práticas... Será que você se rebela

sistematicamente contra o Estado, a OMC ou não sei o quê mais a cada vez do “é triste, mas é assim”? Tenho a impressão que não! Então...

- 45 Como criar uma apreensão?, aqui e agora, local e pragmaticamente? Como obter a medida de cada situação? Aqui então tiro o chapéu para a coerência desse livro, pois nessa parte, muito obviamente, não há solução para tudo, para todas as circunstâncias, mas sim, o relato de uma experiência, de uma “trajetória de aprendizagem”. Todavia, essa experiência não é menos importante, pois ela tem a ver com alguma coisa que me toca, que nos toque talvez: saúde, a aids. Em 2001, lembram-nos os autores, trinta e nove empresas farmacêuticas processaram o governo sul-africano. Esse governo visava produzir medicamentos contra a aids a um custo menor. Escândalo! Violar o direito internacional, produzir remédios tomando o lugar da indústria farmacêutica, justo ela que, graças a seus meios, seus investimentos e sua pesquisa, promete prolongar a duração de nossa vidas e trabalhar no interesse de todos! Bela alternativa infernal, não?
- 46 A maneira como o governo da África do Sul, as associações de pacientes vítimas da aids, certas organizações humanitárias, o Brasil, uma diretora de empresa que se transformou em militante, a Índia e outros, aproveitaram a oportunidade do processo contra o governo da África do Sul para dismantelar essa alternativa infernal é magnificamente contada no livro. Além disso, os autores tiveram ainda a preocupação de nos falar sobre o que o caso possibilitou. A queixa foi retirada, mas isso não foi tudo... A história continuou, e continua ainda, novas conexões foram criadas. Tanto que não é mais possível, não é mais tão fácil, pelo menos por enquanto, defender essa frase extraordinária: a indústria farmacêutica trabalha no interesse de todos! Esse resultado do qual podemos nos orgulhar não é definitivo (*homo vulnerabilis*), nada está garantido se não nos protegemos...
- 47 Essa vitória, essa transformação, essa espécie de “golpe de caratê” não violento infligido à indústria farmacêutica – que está hoje entre um dos ramos industriais mais detestados (e suas mãozinhas junto com ela) – pode ser descrita da seguinte forma: um coletivo constituído pouco a pouco soube aproveitar a oportunidade de agarrar o jaleco da indústria farmacêutica, tão branco e tão irrepreensível, e desnudá-la no momento e após o processo contra a África do Sul. Tanto que o argumento “É melhor que haja lucro para impulsionar as pesquisas de futuros medicamentos” se tornou não somente uma dessas alternativas infernais, como também uma bela mentira. As mãozinhas da indústria farmacêutica tinham medo, mas medo de uma coisa inacreditável: a proximidade da data de vencimento de algumas patentes. E não quaisquer patentes, mas aquelas que protegem os medicamentos relacionados às doenças mais perigosas, aquelas que assolam o maior número de pessoas, aquelas contra as quais é mais difícil achar um remédio – e, por isso, aquelas que rendem os lucros mais altos! Lucros para fazer o quê? Lucros para a pesquisa de cosméticos, por exemplo. Todos esses produtos cosméticos talvez nos deixem mais bonitos, mas essa situação não embrulha seu estômago?
- 48 Para que essa vitória fosse possível, o processo das empresas contra o governo da África do Sul não foi suficiente, foi preciso também criar novas conexões entre os Estados, as ONGs, entre alguns diretores de empresa que correram o risco de se transformar em militantes, entre associações de pacientes etc. Foi preciso também que alguns mudassem de papel ou vestissem a camisa de outros e comparecessem aonde não eram esperados. Foi necessário um pouco de audácia coletiva. Por que? Porque em vez de ouvir a frase: “a gente não pode parar o tempo”, ouviram-se proposições como: “Já que o Estado é mobilizado para impor os monopólios comerciais ligados às patentes, por que ele não

teria o direito de intervir, em contrapartida, sobre os preços públicos dos medicamentos?” (proposta de economistas americanos); ou ainda: “Como financiar as pesquisas sobre novos medicamentos sem passar pela indústria farmacêutica?” (proposta de uma ONG bem poderosa). Isso não dá vontade de que a gente se meta um pouco no que “não nos diz respeito”? Naquilo que, como no caso da indústria farmacêutica, seria restrito a especialistas, às mãozinhas econômicas, estatais, científicas etc.?

- 49 Isso foi graças a Seattle, isso foi graças ao movimento alterglobalizante? Os autores pensam que “sim”, mas pouco importa, enfim, pelo menos para mim, pois tenho a impressão que já estamos além. Nós somos agora vulneráveis e pragmáticos, prestar atenção é importante e a eficácia de uma experiência – proposta, deixar em suspenso, correr risco, conexão, experimentação local mas coletiva, achar preensões – não pode ser vista a não ser a partir de suas conseqüências. E certas conseqüências são inaceitáveis, como o fato de quebrar não os ovos, mas neste caso os acometidos pela aids.
- 50 Mas atenção, as mãozinhas sabem criar novas conexões e até mesmo situações para nos desconectar. Como por exemplo no caso extremamente delicado da questão das aposentadorias ou da previdência social. Delicado porque se criou uma tensão entre os trabalhadores ativos e os aposentados inativos, é claro, mas também porque se criou uma tensão entre nossos pais, nós e nossos filhos, os mais velhos freqüentemente doentes e os mais jovens em tão boa saúde. A proposta atual das mãozinhas econômico-estatais – “é preciso recorrer aos fundos de pensão” – repousa justamente sobre essa tensão afetiva. Uma operação de captura terrível, ela também uma alternativa infernal realmente doentia. Pois as mãozinhas nos dizem que não escolher a solução dos fundos de pensão implica em nos obrigar a pagar as aposentadorias de nossos pais, justamente agora que, pela primeira vez desde muito tempo, muitos filhos ganham menos do que seus pais. E isso seria também sufocar nossos filhos pedindo-lhes para no futuro pagar nossas aposentadorias.
- 51 A gente se sente muito bem nesse momento do livro porque talvez seja de fato uma boa ideia falar em operação de captura feiticeira, captura da alma e do corpo, tamanha a sensibilidade suscitada por esses dois assuntos (saúde e aposentadoria), tamanha a evidência de que essas alternativas são fisicamente infernais. E, apesar desses sentimentos, essa história dos fundos de pensão impele os aposentados (nossos pais) a “apoiar o deslocamento de sua antiga empresa (mesmo que seus filhos pudessem vir a trabalhar nela) para garantir a taxa de lucro do qual depende a saúde de seus fundos de pensão”; e nós, assalariados entre outros, a gente “um dia se manifestará contra a transferência de nossa empresa, mas a aprovaremos no futuro, quando estivermos aposentados”. Tenho dificuldade em me conter agora, espero que não se zanguem comigo: “Mas que bando (ou fluxo!) de imbecis!”.
- 52 Esse trecho do livro é muito bonito. Pois justamente no momento preciso quando, desesperados por tamanha perversidade, cruzaríamos os braços, deixando trabalhar as mãozinhas econômico-estatais, traindo a ligação tão frágil e preciosa com nossos pais e filhos, os autores propõem-nos reativar a história. Eles não poderiam ter feito uma proposta mais bonita para nos ajudar a sentir a importância da resistência ao “É melhor” (os fundos de pensão...), a importância de uma outra conexão, daquela entre gerações. Lembrem-se, dizem-nos os autores, já houve um dia outras propostas, outros dispositivos que talvez fosse bom reativar. Ah! Isso não tem nada de conservador. Não se trata de dizer: “Era melhor antes.” Dizer isso talvez seja um pouco fácil demais, não, não, não....

- 53 Somente lembremos que, no passado também, a ideia de pensar e agir localmente provavelmente também já existiu. Para os aposentados e para a previdência social, existiram outros dispositivos além daquele que conhecemos, dispositivos mais locais, menos estatais, menos capitalistas também. Reativar a história quer dizer que em algum lugar, em um dado momento, existiram propostas (recursos) locais que poderiam ajudar-nos a resistir a essa alternativa infernal. Houve outras formas de mutualismo, propostas que valem a pena que a gente se dê o trabalho de pensar coletivamente com elas também.
- 54 É preciso que as pessoas pensem é... a parte seguinte.

É preciso que as pessoas pensem

- 55 Sim, “é preciso que as pessoas pensem”, depois da leitura da parte precedente, é um GRITO! Sonho acordada que vocês o escutem JUNTO comigo. E o grito “Um outro mundo é possível!” se torna ele também um GRITO! Compreende-se toda a urgência do prestar atenção, prestar atenção em não fazer um plano, um programa; toda a urgência também da proteção coletiva.
- 56 É agora bastante difícil aceitar as propostas das teorias de alienação, que nos dizem que somos incapazes de “tomar consciência dos problemas”, que somos dominados, “agidos” pelo sistema (verdadeiras marionetes). Não sei vocês, mas eu agora com o “fluxo reorganizador movediço”, “sistema feiticeiro (sem feiticeiro, aliás)”, “alternativas infernais”, “mãozinhas”, “captura do pensamento”, “proteção”, “deixar em suspenso”, “correr risco”, “preensões”, “trajetória de aprendizagem”, o exemplo da indústria farmacêutica e aquele das aposentadorias, eu acho uma ideia bizarra a da alienação! Tenho antes a impressão que sempre sentimos com violência essa captura feiticeira, daí nossas denúncias, indignações, cóleras, nossas dores de barriga e as lágrimas de alguns americanos, iraquianos recentemente! Adeus à alienação, é tempo de fazer junto (de fazermos juntos)... As pessoas são capazes de pensar!
- 57 Pensar implica em prestar atenção às palavras. Nós sentimos com o corpo, é claro, mas também com palavras! Prestar atenção às palavras é também prestar atenção aos outros, não é dizer rápido demais: “É o mesmo caso que..., então!” É simplesmente fazer a distinção entre um imigrante vindo do Mali e outro vindo da China. Não são os mesmo imigrantes, basta adicionar as palavras “do Mali” ou “da China”. É fazer a distinção entre a estupidez que fizemos ontem daquela que acabamos de repetir hoje! É diferenciar as vítimas de ontem daquelas de hoje. É diferenciar o termo vítimas de uma situação das pessoas que vivem uma situação e que poderiam através de sua experiência ajudar na fabricação da dimensão do problema; pois é bem fácil designar as pessoas como “vítimas inconscientes e mudas”, mas e se não fosse tão simples assim?
- 58 Ainda mais uma vez, não é assim que se dá nossa experiência? Quando numa situação difícil pedimos o conselho dos outros, será que aplicamos a solução deles? Nós nos consideramos como vítimas? Fazemos antes, parece-me, uma sagrada mistura, escutando alguns, não escutando outros, fabricando antes de mais nada uma problematização com nossas palavras misturadas àquelas dos outros, depois uma solução, jamais ideal, mas que nos convém. Então por que, quando se trata de drogados, desempregados, beneficiários do auxílio desemprego, pessoas atingidas pela aids, nossos pais etc., nós os colocamos à distância? Por que, com nossos termos, os colocamos em categorias (casos)? Por que

confiamos o estudo das soluções possíveis a especialistas (dessas categorias)? Pensar, começamos a fazê-lo ao prestar atenção às palavras⁵.

- 59 Como prestar atenção às palavras? Se bem entendi, esse processo que consiste em mesclar, em achar as palavras convenientes, os autores o descrevem como se estivéssemos, na verdade, prestando atenção a um interstício. “Interstício” é de fato bastante conveniente, parece-me, para nos deixar sentir o “com” os outros. Mesmo se a gente não fizer nada do que disseram as pessoas à nossa volta para nos ajudar, a gente fabrica uma mistura, uma mistura da intersecção das propostas das pessoas à nossa volta com aquelas que imaginamos sozinhos.
- 60 Com as palavras da política, isso equivale a dizer: “Os cidadãos são todos capazes de construir uma posição, de oferecer propostas.” E isso poderia ser eventualmente uma boa ideia para os especialistas de qualquer gênero, inclusive os especialistas científicos e políticos, a de prestar atenção, de não fazer rápido demais a economia das propostas dos cidadãos, de não os manter à distância! Se os cidadãos acham que os transgênicos e os fundos de pensão “dão medo”, “preocupam”; se eles ficam perplexos quando é dito que as ondas, difundidas para que os celulares funcionem, não apresentam nenhum perigo; se eles contam histórias, piadas, tecem observações, poderia ser uma boa ideia não deixá-los de lado rápido demais...
- 61 “Eles não sabem”; “eles têm um medo irracional dos transgênicos e das ondas eletromagnéticas”, “eles não compreendem nada de economia política”, escuta-se por aí. Ora, os cidadãos apenas se sentem vulneráveis, eles prestam atenção, pensam, observam, experimentam... Põem à prova (deixam em suspenso e colocam em risco) os transgênicos ou as ondas eletromagnéticas. Eles pedem a opinião das pessoas próximas, de seu meio. Dedicam seu tempo e aceitam o risco de introduzir os transgênicos e as ondas eletromagnéticas em suas vidas. Por tudo isso não valeria a pena escutá-los?
- 62 É-nos proposta aqui uma palavra engraçada para descrever o que eles fazem: “ecosofia”. Ai, ai, ai! Sim, tinha me esquecido, um dos autores é uma filósofa... Mas a proposta dos dois autores para definir o pragmatismo não é interessante? Relembro-a: “O pragmatismo é uma arte das conseqüências, uma arte do prestar atenção, que se opõe à filosofia da omelete que justifica os ovos quebrados.” Essa definição está bem no início do livro. E àqueles que me seguiram até aqui tenho vontade de dizer: algo me dá a impressão de que desde algum tempo estamos fazendo filosofia juntos. A propósito, parece que fazer filosofia começa bem simplesmente pelo espanto – o questionamento, se você prefere. Filosofia da vida talvez, mas filosofia mesmo assim! Então por que não seríamos capazes de pensar com essa palavra bizarra, “ecosofia”? E como prova (que submeto, claro, à sua prova), a definição comporta três palavras: ecosofia = sabedoria do meio. Prestar atenção a seu meio, fazer com ele, com os humanos e com o meio ambiente...
- 63 Apenas filosofar não basta! Para abordar os problemas da vida, e isso vale também para os problemas políticos, são necessárias técnicas para “transformar os espantos”. A política também tem necessidade de criação, de técnicas para fabricar um outro mundo comum. Pois o sistema feiticeiro sem feiticeiro com o qual temos que lidar é muito competente quando se trata de dissociar: aqui e agora, mas também o tempo entre hoje, ontem e amanhã. Seria preciso aproveitar, proteger a *serendipidade* de Seattle. “Serendipidade”, um termo antigo que designa esses pequenos acasos da experimentação ou da observação que suscitam pistas inesperadas ou ideias novas. Ele poderia nos ajudar aqui, pois contém ao mesmo tempo o entusiasmo do evento, o entusiasmo da descoberta, mas também

supõe algum trabalho e reflexão prévios e implica verificações. Não é tudo graças ao acaso também, né!

- 64 Seria preciso ser capaz de proteger o evento “Milhares de pessoas gritaram ‘Um outro mundo é possível!’ juntas” em Seattle e a heterogeneidade “daqueles que” as conduziram até lá, essa multiplicidade – ou, se você preferir, a junção inesperada de pequenas causas diferentes a defender –, que mesmo assim reuniu milhares de pessoas em Seattle, poderia muito bem se tornar pressões a serem capturadas no interior do “fluxo reorganizador movediço”, mas também, ao contrário, pontos de partida para refletir sobre outras formas de criação política. Prestar atenção em cada pequena proposta porque não sabemos como fazer para conter o fluxo, e cada uma delas poderia se mostrar rica em consequências.
- 65 Vamos um pouco mais devagar. Antes de mais nada, trata-se de reapropriar-se da “técnica”, mais uma dentre outras coisas capturadas pelo sistema ou capitalismo. Ela também! Sim, não somente as alternativas infernais capturam nosso pensamento, mas ainda por cima o sistema se apropriou da técnica, ele a tornou desprezível, secundária. Não esquecer que para nos livrarmos delas somos impelidos a acreditar que são necessárias grandes ideias, inculcam-nos que é preciso começar por imaginar uma nova sociedade, um outro mundo bem construído, em suma, obrigam-nos a começar pelo fim: uma bela teoria antes da técnica. O que, vocês admitirão, ao menos eu espero, tornou-se um pouco menos pertinente pelo que foi dito nas páginas anteriores. O outro mundo será o resultado, ele não é o ponto de partida. No momento, parece que ele é apenas possível.
- 66 São-nos propostas duas técnicas a título de exemplo (breve lembrança: não há receitas genéricas nesse livro): *empowerment* e *reclaim*. Essa Anne! Ela nos pede agora para pensar em inglês... Sim, mas lembro a vocês, lembro a mim mesma também: nessa parte livramos-nos da alienação e foi-nos devolvida nossa capacidade de pensar. E pensar em inglês poderia ser tão simples quanto pensar em francês! E no fim das contas, talvez os anglófonos também tenham ideias e técnicas interessantes.
- 67 Ora, essas duas palavras, *empowerment* e *reclaim*, remetem simplesmente a pequenas experimentações recentes, propostas técnicas para ajudar-nos a transformar coletivamente algumas pressões em golpes de caratê, é verdade, mas golpes não violentos. As técnicas ditas de “*empowerment*” – não aquelas utilizadas nas grandes empresas para motivar seus quadros de funcionários – têm por objetivo “tornar aqueles e aquelas que participam de um coletivo capazes de pensar, tomar posições, criar juntos aquilo que cada um não é capaz isoladamente”. Não sei se você já teve a oportunidade de organizar coletivamente uma festa, um presente para homenagear um amigo ou de festejar um aniversário, por exemplo, mas isso pode ser bastante parecido com o *empowerment*, não?
- 68 *Reclaim* é mais feiticeiro, uma espécie de contraveneno. Aliás, o termo vem diretamente de americanas que se dizem feiticeiras. Bem, evidentemente, já vejo alguns e algumas dizerem: “capitalismo feiticeiro”, “captura feiticeira” e agora *reclaim* inspirado em técnicas colocadas em prática e experimentadas por feiticeiras americanas, o que mais pode acontecer? Apenas uma palavrinha mesmo assim. Antes de mais nada, garanto, trata-se de magia branca⁶, dessa vez. Em seguida, *reclaim* poderia ser o que chamamos de “receitas da minha avó”, vindas de uma época antiga (época anterior àquela da caça às feiticeiras). Uma época quando se inventaram certas práticas – por exemplo, a medicina através das plantas, a utilização de fertilizantes naturais como a urtiga, a cavalinha, entre outros⁷ – que foram condenadas em favor de medicamentos e pesticidas. Não se trata de

renunciar a todos os medicamentos (a África, as Américas, a Ásia têm bastante necessidade deles, assim como nós) e a todos os pesticidas (ainda que...?). Mas, assim como para a história das aposentadorias, somos convidados a pensar se também poderia ser uma boa ideia retomar (*reclaim*) algumas práticas antigas.

- 69 É isso, todos nós somos, é claro, vulneráveis, todos nós experimentamos essas situações em que hesitamos, tivemos medo, renunciamos a dar nossa opinião, mas todos nós somos capazes de pensar, de fabricar técnicas! Uma pena, todos nós nos apressamos ao pensar que seria necessário cumprir a etapa de imaginar uma bela sociedade (é preciso admitir que refazer o mundo é uma ideia bastante atraente), um belo sistema anticapitalista, uma Causa digna desse nome para substituir o sistema que nos envenena ou para lutar contra ele.
- 70 Entretanto, o que nos foi proposto aqui foi retomar nossa confiança, nos sentir de novo capazes de pensar e fazer com nosso meio (social e ambiental, para utilizar as palavras da moda). Pensar localmente, pensar as questões em função do que demanda cada situação, cada escala. Sem esquecer que a técnica é importante e que talvez haja recursos para se retirar do passado – longínquo ou próximo, pois a experiência de cada um conta – algumas técnicas coletivas para serem retomadas. Foi-nos dito também nessa última parte que retomar um pouco da audácia coletiva, ousar dizer o que pensamos, propor, escutar poderiam contribuir, sim, para a fabricação de um mundo comum.

Como diabos não concluir?

- 71 A frase dos autores que se encontra na conclusão – “Nosso texto é difícil” – tornou-se inaceitável para mim graças à leitura dos capítulos que acabo de tentar descrever para vocês. Impossível pensar que fui capaz de ler esse livro, que ele tenha me dado a oportunidade de pensar com minha própria cabeça e com meu corpo e que, talvez, você não possa lê-lo porque ele é declaradamente difícil e, além disso, porque recorre a saberes feiticeiros (conto com as mãozinhas para a propaganda)!
- 72 Como fui convencida da importância do “prestar atenção”, adorei sua potência e generosidade, acabei ficando confusa. E se de fato esse livro for difícil? E se, por outro lado, tudo não fosse tão difícil ao longo desse magnífico fluxo de palavras? Isso é totalmente possível, como também o é a possibilidade de um outro mundo. Como sabê-lo? Quais são suas preensões? Como criar qualquer coisa que faça a gente se falar? Como partilhar com vocês o que senti? E mesmo que eu esteja agora quase convencida de que, indo devagar, pedindo ajuda aos outros, todo mundo pode ler esse livro, uma pontada de dúvida nunca me abandonou.
- 73 O que fazer? Senão escrever um pequeno texto, local, do tamanho de nossas questões, com nossas palavras, com nossas soluções técnicas. Escrever um texto pensando em vocês, com vocês. Um texto perigoso, é verdade, pois tenho tanto medo de trair os autores, mas um texto que tente ao menos prestar atenção. Um texto também para reenviar o eco que suscitou em mim a incrível última frase do livro: “E então, sobretudo não concluir, pois a conclusão pertence àqueles e àquelas que se deixaram agradar, que puderam acompanhar, àqueles para os quais pudemos propor palavras que ajudem a depositar confiança no que já sentiam.” Os autores se dizem “lançadores de sonda”⁸... E nós?⁹

NOTES

1. Esse texto foi escrito para e com todos os meus proprietários
2. Só um parêntese para aqueles que cursaram um pouco de matemática – mas isso pode também interessar a outras pessoas, no fim das contas. Essa história de construção de mundos me fez pensar no mágico “i”, que se chama, aliás, “número imaginário” no vocabulário matemático. Ele pertence ao conjunto dos números complexos. Praticamente (pois a matemática, no fundo, é um exercício muito prático), a introdução do “i” permite passar do conjunto de números reais àquele dos números complexos e, ainda, resolver novas equações (o possível onde antes havia o impossível)! É preciso também lembrar que, em matemática, a reunião do conjunto dos números racionais e irracionais constitui o conjunto dos números reais! Resumindo, em matemática, reunir racional e irracional não foi suficiente, foi preciso um pouco de imaginário para resolver os problemas deixados sem respostas. Esse paralelo perigoso, provavelmente muito fácil e certamente conhecido, me deixa, mesmo assim, perplexa!
3. Não sou antropóloga, mas como seria o mundo onde a antropologia tivesse a tarefa de refletir sobre “estar com os outros, sendo eles humanos ou não humanos”, em vez de tentar definir o que é o Homem; em que a economia fosse aquela de nunca fazer economia das proposições dos outros; ou a gestão se perguntasse como levar em conta todas essas proposições; em que a sociologia celebrasse os grupos em construção (em vez de tentar defini-los) e aquilo que eles são potencialmente capazes de fazer juntos, para que isso pudesse inspirar outros grupos; em que a etnologia descrevesse as singularidades das práticas do “fazer junto” para melhor nos ajudar a associá-los; em que a filosofia tomasse como ponto de partida a vulnerabilidade e o evento que obriga a aprender a se proteger com os outros de si mesmo e do não-si mesmo aqui e agora; em que a política tivesse a difícil tarefa de criar as condições da construção de um mundo comum etc. Alguns já começaram, e pensar que tudo isso não existiria sem eles... bem, eu nunca terei como agradecer-lhes o suficiente.
4. Parece que, do outro lado do Atlântico, em novembro de 2004, depois dos resultados da [então] última eleição presidencial, algumas pessoas choraram e gritaram: “On election night, I felt an intensity of grief, rage and anguish that rivaled any of the worst night of my life.” Na noite após as eleições, senti uma tristeza, uma raiva e uma angústia tão grandes que esta pode ser comparada às piores noites da minha vida.
5. Nota da tradutora. “Penser, cela commence avec faire attention aux mots (et aux maux d'ailleurs!)”. Aqui, há um trocadilho entre mots (palavras) e maux (males), pois ambas as palavras têm pronúncia semelhante em francês. Contudo, em português, o trocadilho perde o sentido, por isso foi eliminado o parêntesis da frase “Pensar, começamos a fazê-lo ao prestar atenção às palavras (e aos males, aliás)”.
6. Não colocar rápido demais as “coisas” em casos. Com efeito, essas feiticeiras e esses feiticeiros se dizem herdeiros da tradição Wicca... Existiriam portanto diferentes tipos de feitiçaria...
7. A propósito, parece-me que essas duas plantas são absolutamente eficazes para curar certas doenças dos pés de videira, ajudando a se proteger contra certos ataques. Isso poderia também contribuir para, entre outras coisas, como por exemplo através da utilização de fermentos indígenas e sem químicos, tornar o vinho melhor. Mas cuidado, talvez, para não se meter muito rápido na fabricação e comercialização do pó de urtiga ou de cavalinha; isso pode ser uma ideia um pouco feiticeira...
8. Nota da tradutora. Stengers e Pignarre criaram no livro uma personagem-função para si próprios: lançadores de sonda, um cargo cuja responsabilidade é observar os perigos – recifes,

bancos de areia, armadilhas – que potencialmente levariam uma travessia marítima ao fracasso. Os autores, assim como o lançador de sonda de um navio ou barco, não têm portanto a função de escolher o objetivo da viagem em si mesmo (Pignarre & Stengers, 2005: 16-17).

9. Nota da tradutora. Ao misturar minhas palavras às de Anne Vièle, que por sua vez já haviam se misturado às dos autores do livro que tanto nos tocou, optei por uma tradução não-literal, correndo o perigo de esticar seu texto até o ponto em que soasse o mais informal e fluido possível para leitores brasileiros, mas nem tanto a ponto de desfigurá-lo, impossibilitando que a autora o reconhecesse.